



CARTA PARA PAULO FREIRE, EDUCADOR E PESSOA HUMANA QUE NOS INSPIRA E DESAFIA PARA CONTINUAR ACREDITANDO NA EDUCAÇÃO

Maria Isabel Raenke Ertel¹ – Café com Paulo Freire Santa Cruz do Sul e
Sinimbu/RS.

RESUMO: Esta Carta Pedagógica relata pensamentos, lembranças e reflexões a partir da leitura dos livros *Pedagogia do oprimido* e *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, no projeto “Andarilhagens com Paulo Freire”. É feita uma narrativa e uma relação dos acontecimentos recentes com estas obras de Freire que permanecem atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Política; Alfabetização

Sinimbu, 13 de julho de 2023.

Querido Paulo,

Já fazem vinte e seis anos que você não está mais fisicamente entre nós, que não temos mais a esperança de um dia ter a oportunidade de (re)encontrá-lo. No entanto, tuas ideias, questionamentos, ensinamentos e amorosidade, estão mais presentes que nunca, e os encontramos sempre que te lemos. Desde a tua partida deste plano, em 1997, muita coisa ocorreu. Isso nos faz imaginar o que você nos diria sobre tudo o que aconteceu nesses últimos vinte e seis anos.

A gente por aqui vem se reinventando. Nosso Café com Paulo Freire de Santa Cruz do Sul-RS nasceu no sacolejar de um ônibus que retornava de uma assembleia do CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul), assembleia essa que lutava pela manutenção dos direitos do plano de carreira dos trabalhadores da educação e contra os ataques do governador Eduardo Leite. Foi a companheira Bia Soares Mazuim, do Café com Paulo Freire de Cachoeira do Sul, que nos convidou para fundar um Café com Paulo Freire em Santa Cruz do Sul. Nosso primeiro encontro aconteceu em 15 de maio de 2019, na casa de uma das membras fundadoras do Café. A partir desse dia, nossos encontros do Café são acompanhados de boas leituras, rodas de conversa para partilhar o que lemos, troca e partilha de livros, vídeos com falas suas e costumeiramente com uma música musical.

¹ Maria Isabel Raenke Ertel – Professora, Licenciada em Pedagogia e Pós-Graduada em Supervisão Educacional pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Contato: mariaisabelertel@gmail.com.



Imagina que esse encontro acontece em várias cidades do Brasil. Todos os meses, pessoas se reúnem para tomar um café com o mais célebre educador brasileiro, autor de muitas obras pedagógicas, como *Pedagogia do oprimido* e *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, as quais serão referendadas aqui, nesta singela carta pedagógica para a Revista Café com Paulo Freire, como um lugar de encontro, de afeto, um café alfabetizador, um café com sabor de saber ler o mundo.

Te conheci no ano de 1993, quando ingressei na Universidade de Santa Cruz do Sul, para cursar Pedagogia Licenciatura Plena. Lembro-me que fiquei encantada com tuas ideias e tua história. O livro *Pedagogia do oprimido* era disputado na biblioteca da Universidade. Havia aproximadamente dez exemplares e, ainda assim, precisei ficar na fila de espera para poder retirar o livro. A cada página que lia, mais vontade de chegar ao final do livro sentia. Tinha vontade de destacar trechos do livro e fazer anotações nas bordas das páginas. Mas não podia porque o livro não era meu.

A *Pedagogia do oprimido* contribuiu muito para a minha formação e compreensão da educação como um ato político e um ato de amor. Você ensina que a educação libertadora se dá através do diálogo, em contraposição à relação de dominação onde não existe diálogo, pois o fundamento do diálogo é o amor à outra pessoa (FREIRE, 2019, p. 110).

No processo como professora alfabetizadora, pude presenciar na prática essa relação, ao perceber que a construção de afetos na relação entre educador e educandos abre caminhos para a educação libertadora ao fazer com que os alunos se sintam confortáveis para compartilhar o que pensam com os colegas e professora. E, nesse compartilhamento de ideias, ocorre a troca de conhecimento, confirmando a sua afirmação de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019, p. 95).

Em mais de 30 anos de magistério acompanhei as mudanças que o avanço da tecnologia causou na educação. O acesso à informação e ao conhecimento para o povo ficou mais fácil, ao mesmo tempo em que as formas de dominação também se adaptaram a estes meios. A internet, as redes sociais e o *WhatsApp* são um espaço de disputa entre os que sempre foram dominantes e o povo dominado. Mas é também um espaço que permite ampliar os contatos e as formas de encontro.

No ano de 2020, o mundo viveu uma pandemia causada pelo vírus da Covid-19. Ficamos em casa, em isolamento social, para evitar a propagação desse vírus contra o qual ainda não havia vacina e que matava diariamente milhares de pessoas.



Foi uma crise sanitária sem precedentes no Brasil e no mundo. A educação precisou ser adaptada. A sala de aula com a professora, os alunos, quadro e giz foi substituída por atividades a distância, entregues pela escola na casa dos alunos e corrigida pela professora da sua casa. O contato presencial com os alunos foi substituído por mensagens no *WhatsApp*. Foi necessário também um envolvimento maior dos pais e das mães dos educandos para que essa forma de educação adaptada e temporária fosse possível. Foi um período difícil.

Durante o período do isolamento social, em razão da pandemia, os encontros do Café com Paulo Freire de Santa Cruz do Sul não pararam. Também nos adaptamos. Trocamos a praça por uma sala no *Google Meet*, cada um da sua casa, em segurança. Esses encontros significaram um espaço de esperança em meio ao caos. Os mais afetados pelos prejuízos causados pela pandemia foram as parcelas mais desfavorecidas da sociedade. A desigualdade sempre existente no nosso país aumentou.

Durante a leitura sobre sua campanha de alfabetização na Guiné-Bissau e sua afirmação sobre como a língua é importante para a cultura, e a forma como os ex-colonizados ainda seguem sendo colonizados “verbalmente, ou mediante sistemas de mensagens inerentes à estrutura colonial” em que “é dito ao povo colonizado que ele não dispõe de instrumentos culturais eficientes pelos quais se expressar” (FREIRE, 2022, p. 137), lembrei da experiência que tive em uma viagem ao Paraguai, onde conheci uma escola em uma reserva indígena. A educação no Paraguai é bilíngue, os livros didáticos são bilíngues, e as crianças são alfabetizadas em guarani e em espanhol.

Não só os indígenas no Paraguai falam o guarani, como também as pessoas descendentes dos colonizadores. Há uma relação de valorização da língua do povo originário. A língua imposta pelo colonizador segue presente, mas a língua originária obteve um status educacional. Você teria gostado de experimentar isso. Não cheguei a presenciar uma aula, porque se estava no período de férias, mas imagino que diante de uma política de alfabetização bilíngue se poderia estar mais perto da “utilização bem-sucedida do universo cultural dos alunos” como um ponto de partida para que “eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante” (FREIRE, 2022, p. 149).

No Brasil, ainda estamos longe disso, a alfabetização no ensino regular segue sendo da língua dos colonizadores, mas tivemos avanços. Agora, no ano de 2023 e



no governo do Presidente Lula, o Brasil tem, pela primeira vez, um Ministério dos Povos Indígenas, a Ministra é Sônia Guajajara, uma líder e política indígena. Agora os povos originários têm espaço no governo para que eles próprios organizem e promovam as políticas públicas de educação, cultura, saúde e demais aspectos necessários para sua valorização e desenvolvimento. Há muito trabalho a ser feito, porque, entre 2016 e 2022, o país passou por governos que facilitaram a exploração ilegal das terras indígenas, causando uma crise sanitária, que até hoje reflete seus prejuízos sobre os povos Yanomamis, por exemplo.

Caro Paulo, preciso te falar que, a partir do golpe contra a Presidenta Dilma, em 2016, o Brasil viveu o verdadeiro caos político e humanitário. Por aqui tudo aconteceu. Escolas foram atacadas, crianças, jovens e professores foram mortos na sala de aula. A escola, justamente a escola, lugar de ser feliz, de construir conhecimentos, de estabelecer as melhores relações sociais, criando vínculos e afetos na formação dos nossos estudantes, deixou de ser um lugar seguro. Enviar nossos filhos para a escola não nos dava mais garantia de tê-los novamente em nossos lares.

A pedagogia do medo e da intimidação quer, a qualquer custo, silenciar as nossas vozes. Imaginas tu que, recentemente, em 09 de julho de 2023, um grupo da extrema direita esteve reunido em Brasília em uma mobilização a favor do porte livre de armas e ali, no palanque daquele movimento, o Deputado Federal Eduardo, filho do inominável, disse para o Brasil e o mundo ouvir que “não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante de drogas que tenta sequestrar e levar nossos filhos pro mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando opressão em todo tipo de relação”.² Sinto vergonha em ter que te contar tamanho absurdo.

Essa *gente* é a classe dominante que deseja uma pedagogia superficial, uma pedagogia que devemos combater, como você disse: “é necessário repudiar a natureza política da pedagogia para dar aparência superficial de que a educação atende a todo mundo, assegurando desse modo, que ela continue a funcionar no interesse da classe dominante” (FREIRE, 2022, p. 142). Para eles, a educação deve ser mantida em “um sistema cujo objetivo principal é desqualificar cada vez mais os professores, reduzindo-os a meros agentes técnicos destinados a caminhar

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-GtgZ3rQmLg>>.



irrefletidamente por entre um labirinto de procedimentos” (FREIRE, 2022, p. 145), um sistema que você nos avisou ser necessário combater. Eles continuam te odiando, se pudessem, matariam toda a memória e legado das tuas obras e ideias de emancipação social, a tua preocupação com o empoderamento de homens e mulheres que têm visão política e consciência de classe.

O ano que escrevo esta carta, 2023, é um ano de esperança. Penso que o teu melhor amigo, Carlos Rodrigues Brandão, ao te reencontrar recentemente, em 11 de julho de 2023, tenha te contado um pouco da posse do presidente Lula, em 01º de janeiro de 2023, sinalizando novos tempos para a democracia e a sociedade no Brasil.

Estive lá, juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Brasília ficou tomada por milhares de cidadãs e cidadãos brasileiros, além das 73 delegações e chefes de Estados, dos quatro cantos do mundo que vieram para a maior festa da democracia da América Latina. Os atos da cerimônia de posse foram do tamanho da generosidade do Lula, que escolheu receber a faixa presidencial das mãos dos brasileiros: um grupo de oito pessoas, representando a diversidade do povo, brasileiro, e como não poderia ser diferente a Resistência – vira-lata de estimação adotada pelo Presidente e pela Primeira-Dama durante a Vigília Lula Livre³ – fez-se presente também. Lula tomou posse se comprometendo com o combate à pobreza e à fome, com a preservação do meio ambiente e com a valorização da educação e dos profissionais da educação. Preocupações que somente um verdadeiro homem de alma limpa e liberta é capaz de fazer para construir um país melhor para todos.

Quero concluir dizendo que ler tuas obras oxigena minha alma e meu intelecto. Fiquei encantada com o teu livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, ao entender que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra e que o ato de ler requer uma contínua releitura do mundo, como tu dizes (FREIRE, 2022).

Sinto-me mais próxima da realidade das minhas crianças no chão da escola. Um grande abraço, companheiro!

³ A Vigília Lula Livre foi um acampamento que surgiu como forma de protesto à prisão ilegal do Presidente Lula em 2018. A Vigília Lula Livre em frente à Superintendência da Polícia Federal em Curitiba permaneceu ativa durante os 580 dias de prisão de Lula. Entre todas as atividades realizadas na vigília, destaco às saudações de bom dia, boa tarde e boa noite ao Presidente Lula, que ouvia da sua cela e, segundo ele, servia de energia para que continuasse resistindo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/08/vigilia-lula-livre-surgiu-ha-quatro-anos-como-protesto-contra-prisao-de-ex-presidente>>.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. 11^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.